

ED. L. MILLER E STANLEY J. GRENZ

TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

SUMÁRIO

Prefácio à edição em português	9
Prefácio	11
1. DE VOLTA AO ESSENCIAL: KARL BARTH	13
O contexto liberal	14
Um livro explosivo	16
A influência de Kierkegaard	18
Bíblia e jornal nas mãos	22
Deus, Cristo e a eleição	24
Neo-ortodoxia e outros rótulos	27
Barth <i>vs.</i> Brunner	29
Desdobramentos	34
2. REALISMO CRISTÃO: REINHOLD E H. RICHARD NIEBUHR	37
Neo-ortodoxia americana	37
Pecado, a doutrina empírica	39
Amor e justiça	42
Telos <i>vs.</i> Finis	44
A oração de Niebuhr	46
3. JESUS CRISTO E A MITOLOGIA: RUDOLF BULTMANN	49
Novo Testamento	50
Desmitologização	53
A influência de Heidegger	57
Uma cristologia existencialista	59

Bultmann vs. Cullmann	60
Outras respostas	65
4. DEUS ALÉM DE DEUS: PAUL TILlich	69
Método da correlação	70
Fundamento do ser	72
Cristo, o novo ser	75
Princípio protestante	77
Fé e símbolos	78
O problema da fé e da história	80
5. CRISTIANISMO ARRELIGIOSO: DIETRICH BONHOEFFER	85
Harvey Cox e a teologia secular	86
“Deus das lacunas”	88
Cristianismo arreligioso	90
Um homem para outros	92
Legado teológico?	94
6. A MORTE DE DEUS: WILLIAM HAMILTON E THOMAS J. J. ALTIZER	97
Variações sobre um tema	98
A influência de Nietzsche	99
A perspectiva de Hamilton	100
A perspectiva de Altizer	102
“Deus está morto” morreu	104
7. TEOLOGIA DO PROCESSO: JOHN B. COBB JR.	105
Um teólogo “em processo”	106
A realidade vista como um processo	110
A teologia do processo de Cobb	114
O Cristo do processo e o nosso futuro	117
Uma visão problemática?	120
8. ESPERANÇA EM MEIO AO SOFRIMENTO: JÜRGEN MOLTSMANN	123
Da esperança à teologia	124
Uma teologia cheia de esperança	128
Pressuposto filosófico	130

Esperança e promessa	131
O Deus sofredor da esperança	135
Esperança ou processo?	137
História trinitariana do mundo	139
Esperança em meio ao sofrimento	141
Um Deus dependente?	143
9. RAZÃO E ESPERANÇA: WOLFHART PANNENBERG	145
Como se faz um teólogo	145
A busca de uma fé racional	148
Esperança racional e racionalismo esperançoso	152
Teologia como estudo de Deus	153
Deus triúno	154
Ênfase cristológica	156
Centralidade do Espírito	158
Uma teologia para a igreja	161
Uma teologia pertinente?	161
10. PRÁXIS LIBERTADORA: GUSTAVO GUTIÉRREZ	163
Embates de um teólogo ativista	163
Precusores da teologia da libertação	166
Teologia contextual	168
Uma teologia do pobre	170
A influência marxista	171
Teologia como reflexão crítica da práxis	174
Salvação como libertação	175
Uma teologia para qualquer contexto?	177
11. TEOLOGIA DA EXPERIÊNCIA FEMININA: ROSEMARY RADFORD RUETHER	181
Trajetória da teologia feminista	182
Uma teologia de mulheres e para mulheres	184
Passado patriarcal	187
Recuperando a memória perdida das mulheres	189
Reconstruindo a visão	191
Mas, isso é cristão?	197

12. TEOLOGIA GLOBAL: JOHN HICK.....	201
Qual é o problema?	202
A hipótese pluralista de Hick	205
Um Deus, muitas faces.....	209
Hick vs. Bíblia.....	211
Perguntas, dúvidas e resistência	213
Católico-romanos: o Vaticano II	216
“Cristãos anônimos”?	219
Intolerância ou arrogância?	222
13. TEOLOGIA EM UMA ERA PÓS-LIBERAL: GEORGE LINDBECK	225
Do “liberalismo” ao “pós-liberalismo”	226
De medievalista a “pós-liberal”	229
A opção da narrativa	231
Como o estudioso da ética vê a teologia narrativa	233
Doutrina, as regras da comunidade	236
Mas, será suficiente?.....	241
APÊNDICE – EVANGELICALISMO ENGAJADO: CARL F. H. HENRY	
ESCRITO POR JONAS MADUREIRA	245
O principal teólogo do evangelismo	246
Fundamentalismo vs. liberalismo	250
A teologia do evangelho social	254
A nova agenda do evangelicalismo	260
A autoridade da revelação	261
A natureza proposicional da autorrevelação de Deus	263
A tarefa racional da teologia cristã	266
Uma teologia racionalista?	268

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

HÁ QUEM DIGA QUE “TEOLOGIA SE FAZ A LÁPIS”. NESSE sentido, ao contrário da palavra de Deus, a teologia pode mudar, se transformar, adequar-se a uma época, ou até mesmo corrigir suas hipóteses, tanto pela descoberta de novas fontes de pesquisa, como por meio de estudos mais aprofundados.

E nesse esforço humano para compreender a palavra de Deus, a teologia acabou se desdobrando em muitas. Isso quer dizer que todas as teologias são igualmente válidas? É claro que não. Significa apenas que todas procuraram compreender a Palavra, embora algumas tenham se aproximado mais das Escrituras, outras da cultura, outras da ciência, outras das questões sociais de sua época, sendo que algumas delas acabaram até mesmo se embrenhando por caminhos tortuosos nesse esforço de compreensão.

Portanto, ao longo de sua história, a teologia tem se mostrado cada vez mais diversificada, o que nos força a concluir que realmente não dá mais para continuar falando em “teologia”, mas sim em “teologias”. E quando se trata do contexto atual dos estudos teológicos, isso fica ainda mais evidente. É por esse motivo que os autores resolveram chamar este livro de “Teologias contemporâneas”, uma vez que, depois do fim da teologia moderna ou do liberalismo teológico, a diversidade na história da teologia, especialmente no contexto protestante, aumentou consideravelmente.

Neste livro, o leitor encontrará uma visão panorâmica das principais teologias desenvolvidas no século XX, bem como uma análise crítica de cada uma delas. A novidade desta edição em português é o

acrécimo de um apêndice escrito pelo teólogo e filósofo Jonas Madureira. Nesse apêndice, o leitor encontrará uma apresentação da teologia de Carl F. H. Henry, considerado por Billy Graham como o mais importante teólogo do evangelicalismo da segunda metade do século XX.

É nosso desejo que esta obra contribua para enriquecer nosso conhecimento das várias teologias que ajudaram a construir a história da teologia contemporânea. Que esse conhecimento possa nos trazer a consciência da limitação humana de compreender a palavra de Deus em toda a sua plenitude, uma palavra que não muda, que é sempre relevante, mas cujo poder transformador atravessa tempos e épocas.

Os Editores

PREFÁCIO

NAS ARTES ASSIM COMO NA LITERATURA, O SIGNIFICADO técnico de “contemporâneo” se situa entre o atual e o recente, de um lado, e o moderno, de outro. Contudo, contemporâneo tem também um significado mais geral ou frequente e designa tudo o que ocorreu nos últimos cem anos aproximadamente. Ao adotarmos este último sentido, temos um lugar definido por onde começar. Quem quer que saiba alguma coisa sobre teologia contemporânea, sabe que uma ruptura decisiva com o antigo foi o ponto de partida para um novo cenário que começou a tomar forma em 1920. Esse rompimento, que ainda hoje apresenta desdobramentos, provoca reações, desvios e becos sem saída, é o que entendemos por “teologia contemporânea”.

Todavia, seria uma ingenuidade imaginar que todos esses desdobramentos, desvios e etc. foram plenamente considerados no curto espaço de um pequeno livro. A tarefa de sintetizar e de filtrar os pensadores e as ideias mais importantes deixou frustrados os autores deste livro. Com isso, passamos a entender um pouco melhor as palavras de 2Macabeus 2.26: “Para nós, que tomamos sobre nós o penoso trabalho deste resumo, trata-se não de uma tarefa fácil, mas de uma questão de suores e vigílias” [TEB]. Será igualmente frustrante para alguns leitores, cujo teólogo favorito não recebeu a atenção esperada, ou cuja ideia favorita simplesmente não foi considerada. Mas o espaço que temos é este, e não outro. As escolhas que fizemos foram as que nos pareceram melhores.

A maior parte dos grandes movimentos teológicos dos últimos cem anos pode ser basicamente associada a um pensador. Isso se reflete nos subtítulos dos capítulos, que chamam a atenção do leitor para o pensador (ou pensadores) que deve ser considerado como personagem principal do movimento ou da ideia ou como aquele que, por um motivo qualquer, teve seu nome associado de forma mais evidente à ideia ou ao movimento. Por outro lado, um volume expressivo das perspectivas aqui apresentadas contou, sem dúvida alguma, com a colaboração de muitos outros indivíduos, que desenvolveram ainda mais os temas tratados ou a eles se opuseram. Portanto, grande parte dos capítulos permite que a discussão se estenda para além da contribuição do teólogo cujo nome aparece no título do capítulo.

Com referência ao título do livro, optamos por “teologias contemporâneas”, em vez de “teologia contemporânea”, conforme normalmente se faz nesses casos. Com o plural, pretendemos enfatizar que o ambiente teológico contemporâneo tem ramificações bastante diversificadas e que se desdobram por todos os lados.

Nossos agradecimentos aos editores da Fortress Press (principalmente a Hank French, Michael West e Debbie Finch Brandt) pelo interesse que demonstraram por este livro e pelo apoio que deram à sua publicação. Queremos também deixar aqui expressa nossa gratidão a James Watters e Michael McClosky pela assistência que nos deram na elaboração desta obra.

Todas as citações da Bíblia foram retiradas da versão Almeida Século 21.

Ed. L. Miller
Stanley J. Grenz

DE VOLTA AO ESSENCIAL: KARL BARTH

PRATTELN É UMA ALDEIA SUÍÇA ÀS MARGENS DO Reno, a poucos quilômetros da Basileia, por onde passa a ferrovia com destino a Zurique. Um dia, um menino foi visitar seu avô, pastor de uma pequena paróquia de Pratteln. Em meio às suas brincadeiras, decidiu explorar as escadas do interior da igreja. Muitos anos depois, ele mesmo descreveria o que se passou na ocasião: “Quando subia, tateando a escadaria da torre da igreja mergulhada na escuridão, ele, sem querer, buscou apoio na corda do sino, em vez do corrimão. Apavorado, ouviu o repicar do grande sino acima dele, numa altura que todos, e não apenas ele, podiam ouvir”.¹ O menino se transformou no homem tido como o maior teólogo do século xx. Até mesmo os não barthianos admitem que seu impacto sobre toda a teologia subsequente jamais foi igualado em seus dias.

Karl Barth nasceu na Basileia, no dia 10 de maio de 1886, no seio de uma grande família profundamente dedicada à teologia e à pregação. Passou a juventude em Bern, onde seu pai lecionava teologia. Seus estudos o levaram da universidade, em Bern, às universidades alemãs de Tübingen, Marburg e Berlim. Depois de uma experiência crucial como pastor na aldeia de Safenwil, na Suíça, Barth lecionou

¹ Karl Barth, citado por Eberhard Busch em *Karl Barth: his life from letters and autobiographical texts*, trad. John Bowden. Philadelphia, Fortress Press, 1976, p. 20.

teologia nas universidades alemãs de Göttingen, Münster e Bonn. Expulso desta última por se recusar a jurar lealdade a Hitler, voltou à Basileia onde ensinou teologia na universidade de 1935 até se aposentar, em 1962. Jamais concluiu um doutorado, embora fosse posteriormente agraciado com numerosos títulos honorários. Barth era um homem robusto e bem-humorado, mas tinha em geral um ar muito sério.² Foi também um dos grandes aficionados do cachimbo no século XX. Morreu em 1968, aos 82 anos.

.....

O CONTEXTO LIBERAL

O jovem teólogo Barth foi criado no liberalismo, que era a perspectiva teológica reinante em fins do século XIX e princípios do século XX. Era uma teologia otimista com raízes no trabalho de Friedrich Schleiermacher (1768-1864) e que foi levada a efeito pelos contemporâneos mais velhos de Barth, Albrecht Ritschl, Wilhelm Hermann (seu professor em Marburg) e Adolf von Harnack (seu professor em Berlim). Este último popularizou a teologia da época em um livro que é considerado a expressão mais acabada e influente da teologia liberal protestante e ponto alto do movimento. Tratava-se de uma versão impressa de seis aulas ministradas na Universidade de Berlim no inverno de 1899-1900. Na tradução para o inglês, o livro recebeu o título de *What is Christianity* [O que é cristianismo?]. A resposta, de acordo com o autor: a paternidade de Deus, a irmandade da humanidade e o valor infinito da alma humana.³

Harnack era um intelectual sagaz e crítico, um especialista nos primeiros anos do cristianismo e no Jesus histórico. Ele acreditava

² O humor de Barth transparece na história do homem que, ao ser apresentado a ele, quis saber de Barth se ele conhecia Barth, outro famoso teólogo que curiosamente tinha o mesmo nome. Barth respondeu: “Claro que sim! Faço a barba dele todos os dias!”.

³ A publicação do livro se deu de forma praticamente acidental. As aulas foram dadas informalmente perante um auditório de cerca de seiscentas pessoas. Alguém taquigrafou toda a exposição e a apresentou no final ao professor, que ficou surpreso. O fato de as aulas terem sido publicadas imediatamente em tradução para o inglês dá um pouco a dimensão do impacto que tiveram.

que embora fosse inevitável que a mensagem de Jesus encontrasse expressão nos motivos predominantes da época — que não se mostrariam eficazes posteriormente — é possível mesmo assim identificar um significado e uma aplicação vitais neles de validade perene. De acordo com Harnack, se tirarmos, por exemplo, a escatologia acidental (ou as imagens sobre o fim do mundo) que encobrem a mensagem de Jesus sobre o futuro reino de Deus que, a rigor, é algo que está “dentro em vós” (Lc 17.21), e se atentarmos para o que ele diz sobre o valor do ser humano, superior ao dos pardais que merecem o cuidado de Deus (Lc 12.6), e também sobre o valor da alma, mais preciosa do que tudo no mundo (Mt 16.26), e se atentarmos por fim para seu ensinamento sobre o caráter universal do amor a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40), começaremos então a nos dar conta da verdadeira substância da proclamação de Jesus.

Foi uma proclamação pouco afeita a especulações teológicas e filosóficas e muito mais interessada em uma relação correta com Deus, em sentido vertical, e com o próximo, em sentido horizontal. Basicamente, portanto, não se tratava de uma proclamação de cunho individualista, e sim “socialista”. O evangelho, segundo Harnack, “é profundamente socialista, assim como é também profundamente individualista, porque estabelece o valor infinito e autônomo da alma humana [...] Seu objetivo consiste na transformação de um socialismo que repousa sobre uma base de interesses conflitantes em um socialismo cujo esteio é a consciência de uma unidade espiritual”.⁴

Não é de espantar, portanto, que esse movimento tenha ficado conhecido como “evangelho social”. Com relação a Jesus especificamente, Harnack diz que o correto seria considerá-lo como a expressão suprema daquilo de que trata o evangelho:

A consciência que ele tinha de ser o *Filho de Deus* nada mais é, portanto, do que a consequência prática de conhecer a Deus como o Pai e como seu Pai. Bem entendido, o nome do Filho nada significa

⁴ Adolph von Harnack, *What is Christianity?*, 3a. ed., trad. Thomas Bailey Saunders. London, Williams & Norgate, 1904, p. 13-14.

TEO

O que teólogos tão polêmicos quanto Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer, Wolfhart Pannenberg e Gustavo Gutiérrez têm em comum? Se você não sabe a resposta, não pode deixar de ler esta obra. Nela, Ed. L. Miller e Stanley J. Grenz oferecem a seus leitores uma introdução magistral das principais teologias contemporâneas. Com uma linguagem atraente e acessível, conseguem transmitir com clareza as ideias das mentes que estão por trás das principais teologias contemporâneas.

Nela, Ed. L. Miller e Stanley J. Grenz oferecem a seus leitores uma crítica bastante pertinente das principais teologias contemporâneas. Com uma linguagem atraente e acessível, conseguem transmitir com clareza os caminhos e descaminhos das mentes que estão por trás das principais teologias contemporâneas.

A novidade desta edição em português é o acréscimo de um apêndice escrito pelo teólogo e filósofo Jonas Madureira. Nesse apêndice, é apresentada a teologia evangélica de Carl F. H. Henry, considerado por Billy Graham como o mais importante teólogo do evangelicalismo da segunda metade do século XX.


VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0464-5



9 788527 504645